

A japonologia de Lafcadio Hearn

The Japanology of Lafcadio Hearn

*Edelson Geraldo Gonçalves**

RESUMO: Este artigo tem como tema a japonologia (campo do orientalismo que estuda a cultura japonesa) de Lafcadio Hearn (1850-1904), buscando identificar o contexto no qual o autor conduziu suas pesquisas e quais foram as principais influências sobre seu trabalho (Percival Lowell e Fustel de Coulanges), assim como a natureza das conclusões que tirou sobre a cultura japonesa. Para isso definiremos o conceito de “japonologia” e abordaremos o “estado da arte” desse campo existente no momento em que Hearn conduzia suas pesquisas, e posteriormente faremos uma análise de seus livros *Glimpses of Unfamiliar Japan* (1894) e *Japan: An Attempt at Interpretation* (1904).

PALAVRAS-CHAVE: Lafcadio Hearn. Japonologia. Orientalismo.

ABSTRACT: This article focuses on the japanology (field of orientalism that studies the Japanese culture) of Lafcadio Hearn (1850-1904), seeking to identify the context in which the author conducted his research and what were the main influences on his work (Percival Lowell and Fustel de Coulanges), and the nature of its conclusions about Japanese culture. For that, we will define the concept of "japanology" and discuss the "state of the art" of existing field at the time Hearn conducting research, and then we will make an analysis of his books *Glimpses of Unfamiliar Japan* (1894) and *Japan: An Attempt at Interpretation* (1904).

KEYWORDS: Lafcadio Hearn. Japanology. Orientalism.

Introdução

O presente artigo tem como tema a japonologia de Lafcadio Hearn, em outras palavras a obra analítica do autor sobre o Japão, sendo que a questão norteadora a ser respondida nesse texto é: Qual foi a natureza (temática e objetivo) dos escritos japonologistas do autor?

Para responder a essa questão utilizaremos como fontes principais os livros *Glimpses of Unfamiliar Japan* e *Japan: An Attempt at Interpretation*, o primeiro e o último dos livros de Hearn sobre o Japão, sendo aqueles que mais marcam as diferenças do início e do final de sua pesquisa.

Para o diálogo com essas fontes trabalharemos ainda com os conceitos de “japonologia” segundo Renato Ortiz no livro *O Próximo e o Distante* e de

* Doutor em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. edelsongeraldo@yahoo.com.br.

“orientalismo”, conceito tornado famoso no clássico homônimo de Edward Said.

O artigo será dividido em tópicos, tratando brevemente da biografia de Hearn e do contexto no qual o autor esteve pesquisando no Japão, da definição do campo do orientalismo conhecido como japonologia, da japonologia de língua inglesa, das características centrais da japonologia de Hearn e a conclusão sobre esse tema.

Lafcadio Hearn

Lafcadio Hearn foi um escritor greco-irlandês que fez carreira no jornalismo dos EUA se destacando também como tradutor de literatura francesa e crítico literário, além de também ser ensaísta, romancista e contista.

Originalmente se destacou por seus trabalhos nas cidades de Cincinnati e Nova Orleans, dando ênfase em seus escritos ao cotidiano e cultura das populações imigrantes e afro-americanas desses locais. Tais escritos destacavam-se por sua defesa dos negros e mestiços, pondo em xeque as teses que lhes atribuíam o status de racialmente inferiores, traduzindo seus problemas físicos e sociais como heranças da escravidão, e não traços étnicos (PALLARES-BURKE, 2005, p. 349). Esse posicionamento ganhou maior visibilidade após a publicação, em 1890, do livro *Two Years in the French West Indies*, o resultado de dois anos de pesquisas sobre o povo das Índias Ocidentais Francesas. As ideias de Hearn tiveram profunda influência sobre o pensamento do escritor brasileiro Gilberto Freyre (PALLARES-BURKE, 2005, p. 194-200).

Ainda em 1890 Hearn partiu para o Japão, buscando fazer um trabalho etnológico semelhante ao que executou nas Índias Ocidentais Francesas, ambicionando analisar e traduzir a cultura japonesa para o público ocidental, ou em suas palavras, desvendar o coração (*kokoro*) desse povo (HEARN, 1910, p. ii).

Em busca desse fim o autor passou os últimos quatorze anos de sua vida entre os japoneses, se naturalizou japonês, firmou-se como professor e

jornalista nesse país e também constituiu família. Hearn permaneceu no Japão até o fim de seus dias.

Lafcadio Hearn chegou ao Japão em um período em que o processo de modernização do país iniciado com características mais liberais em 1868 estava enfraquecendo, dando lugar a um projeto de modernização conservadora, que estabeleceu o *Shinto*¹ como religião de Estado e fortaleceu o status divino do Imperador, no qual o governo nas palavras de Will Durant (1954, p. 918) “fez de cada escola do país um campo de treinamento militar e um berçário do ardor nacionalista”, definindo a lealdade, a piedade filial² e o patriotismo como virtudes principais a serem cultivadas pelo povo japonês (HENSHALL, 2008, p. 120-121), e a percepção do cultivo dessas virtudes teve forte influência em sua análise uma vez que estas foram o âmago de análise da japonologia de Hearn.

Entre 1894 e 1905 foram publicados quatorze livros de Lafcadio Hearn tendo o Japão como tema, publicações que o marcaram na época e ainda hoje como uma das grandes referências sobre a interpretação da cultura japonesa.

Nesses livros Hearn produziu escritos tanto de ficção, inspirada principalmente no folclore japonês³, quanto ensaios, que se destacavam por sua análise do folclore e religião desse país.

Com esses escritos Hearn firmou sua posição como referência na primeira geração de pesquisadores do campo da japonologia; área de estudos que definiremos no próximo tópico.

A Japonologia

No presente tópico trataremos principalmente da produção intelectual sobre o Japão, a japonologia, campo no qual Lafcadio Hearn se inseria (ou seja, era um japonólogo) e no qual foi provavelmente o maior representante de sua geração.

A japonologia é um ramo específico do orientalismo, o ramo que aborda o Japão, e por “orientalismo” queremos dizer o campo de conhecimento e artístico que aborda as culturas do assim chamado Oriente. No início do século XIX esse termo se “referia ao estudo de quaisquer e todas as línguas e culturas

asiáticas” (IRWIN, 2007, p. 5) e em 1978 Edward Said (2003, p. 29) o definiu criticamente esse campo de conhecimento como “a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar, e ter autoridade sobre o Oriente”. Há críticas sobre esse posicionamento de Said, levando em conta que tal definição não considera as individualidades dos trabalhos de diferentes autores e os contextos em que escreveram, embora possua de fato o mérito e chamar atenção para a subjetividade desses escritos (MACKENZIE, 1996, p. xii, 21). Mas em resumo pode-se definir o orientalismo como o saber sobre o Oriente produzido no e/ou pelo Ocidente.

O ramo orientalista aqui abordado é parte do tipo de orientalismo (o que abarca o Extremo Oriente) que Said (2008, p. 46) decidiu deixar de fora de seu estudo clássico, “não porque essas regiões não fossem importantes [...] mas porque se poderia discutir a experiência europeia no Oriente Próximo ou no islã independentemente de sua experiência no Extremo Oriente”. Assim abordaremos aqui parte dessa vertente orientalista.

Ao que se sabe as primeiras palavras ocidentais sobre o Japão (ou Cipango) foram escritas no século XIII por Marco Polo, quando registrava o desejo de Kublai Khan de anexar o arquipélago nipônico ao seu próprio império. Contudo o Cipango de Marco Polo por muito tempo permaneceu como a mera miragem de um viajante, até a chegada dos primeiros portugueses a Tanegashima em 1543 e dos outros ocidentais que vieram após eles. Com isso o Japão passou a figurar em textos escritos em línguas ocidentais, compostos principalmente por missionários, como o *Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes entre a Europa e o Japão* (1585), do jesuíta português Luis Fróis (1532-1597), as *Peregrinações* (1614), do também jesuíta português Fernão Mendes Pinto (1510-1583), e o *Sumário Del Japón* (1583) do jesuíta napolitano Alexandre Valignano (1539-1606).

Em língua inglesa houveram escritos de homens do mar, como as cartas de William Adams (1564-1620) e as narrativas de John Saris (1580-1643) e Richard Cocks (1566-1624), disponibilizadas ao público em 1625 nos volumes do livro *Hakluytus Posthumus or Purcha's His Pilgrimes*, do sacerdote anglicano Samuel Purchas (1577-1626), mas sem dúvidas entre os primeiros escritos nesse idioma o mais influente foi o *The History of Japan* do médico alemão Engelbert Kaempfer (1651-1716) publicado entre 1727 e 1728 em dois volumes (MARKLEY, 2004, p. 54, 57), tendo já o status de um clássico no século XIX. Esse livro, cujo autor foi capaz de escrever após uma estadia de dois anos e dois meses no Japão, “compilou um trabalho que pela primeira vez deu ao mundo uma informação razoavelmente acurada sobre a história, geografia, crenças religiosas, maneiras e costumes, produções naturais e mistérios do Império” (CHAMBERLAIN, 1905, p. 266).

Durante o processo de abertura e modernização do Japão na segunda metade do século XIX, vários estrangeiros chegaram ao país, desde simples aventureiros e curiosos, até profissionais acadêmicos e técnicos de várias procedências (para lecionar ou atuar diretamente em seus campos de trabalho, muitas vezes introduzindo-os em solo japonês), como por exemplo missionários e diplomatas.

Foi desse processo que nasceu a japonologia, mais especificamente quando esses indivíduos com maiores ou menores êxitos buscavam documentar e analisar as coisas do Japão, nos mais variados campos (sociedade, arte, economia, história, religião, etc.) e publicando essas informações em livros numerosos e diversos, tanto em caráter quanto em qualidade.

Esses estudos foram escritos em vários idiomas, embora quantitativamente fossem em sua maioria de língua inglesa.

No que já foi escrito anteriormente, já deixamos uma vaga noção do que interpretamos como “japonologia”, ou seja, o estudo de uma maneira ampla das coisas do Japão, tanto materiais como culturais, ou seja um campo distinto

das criações artísticas feitas por ocidentais ou expostas para eles, às quais consideramos “japonismo”.

E ainda sobre o conceito de japonologia podemos deixar aqui algumas considerações gerais de Renato Ortiz (2000, p. 24-25), em seu livro *O Próximo e o Distante*, no qual o autor argumenta:

A noção de japonologia só faz sentido quando pensada em relação a algo que lhe é exterior. Os japonólogos são pesquisadores predominantemente europeus e norte-americanos, cuja intenção é compreender um país específico. Passa-se o mesmo com os brasilianistas e os latino-americanistas. São grupos de pessoas que se encontram “fora” do Brasil e da América Latina, geralmente trabalham em instituições universitárias norte-americanas ou europeias. Mas seria insensato um brasileiro ou latino-americano se identificarem respectivamente como brasilianista ou latino-americana. Isso somente ocorre quando, eventualmente, eles migram para o mercado acadêmico nos Estados Unidos ou na Europa. Aí, diante da necessidade de se inserir nas instituições estabelecidas, sua identidade profissional irá alterar-se. Por isso não há japonólogos entre japoneses, mas sociólogos, economistas, antropólogos, historiadores, cientistas políticos. Quando visto internamente o universo da japonologia tem pouca consistência, sua coerência é fortuita, vive do alento dos influxos externos. Maxime Rodinson tem razão quando diz que “não existe orientalismo, sinologia, iranologia [e poderíamos acrescentar japonologia]. Existem disciplinas científicas definidas por seus objetos e por suas problemáticas específicas”. Não obstante, apesar dessa fragilidade epistemológica, as áreas de estudos geograficamente localizadas são uma realidade. Desenvolvem-se nos departamentos e institutos dedicados ao Japão, ao Oriente, à América Latina. Isso não deixa de causar problemas. O leitor que tiver alguma familiaridade com essas especializações percebe que muitas vezes os autores se encerram em círculos buscando sobretudo reproduzir a autoridade de um campo científico (para falarmos como Bourdieu). Legitimidade que alimenta uma imagem distorcida do que se quer conhecer. Por isso, Edward Said dirá que o orientalismo é um “discurso de poder”, no caso das sociedades islâmicas, uma ideologia que justifica uma determinada visão do mundo árabe sem ter, no entanto, a capacidade de duvidar do seu próprio fundamento. Entretanto não devemos radicalizar as críticas ao ponto de retornar à estaca zero do conhecimento. Os especialistas possuem uma tradição rica e diferenciada, sua erudição é matéria obrigatória para todo

aquele que se inicia num ramo do saber. Seria inconsequente negligenciar a produção intelectual dos japonólogos; pelo contrário, devemos valorizá-la, a astúcia está em considera-los interlocutores privilegiados, sem no entanto se deixar levar pelas armadilhas que os envolvem.

No trecho citado Ortiz faz uma abordagem geral da japonologia e conhecimentos especializados semelhantes, os chamados “estudos de área” (ou nesse caso “estudos japoneses”), estabelecidos no pós Segunda Guerra Mundial. No entanto aqui fazemos uma abordagem cronologicamente mais limitada desse campo de estudos, ou mais especificamente o período que Alan Macfarlane (2008, p. 212) define como o da primeira “geração de japonologistas”, ou seja, daqueles que escreveram sobre o Japão entre 1860 e 1920. Nesse período esse campo de estudos ainda não gozava da identidade e reconhecimento formal que viria a ter posteriormente, mas já possuía uma característica elencada por Ortiz, a tendência de seus membros de reproduzirem os discursos de seus pares, característica aliás comum com o restante do orientalismo.

Entre os primeiros textos japonologistas predominam os escritos de tipo pessoal (cartas, relatos de viagem, etc.) como definiria Said (2008, p. 257), assim como outros que abordam o Japão de maneira introdutória e panorâmica, buscando abordar elementos gerais como a história, geografia, cultura, e outros pontos mais específicos dependendo da preferência de cada autor. Por outro lado, também havia estudos monográficos, menos numerosos, mas que foram uma característica comum aos autores mais notáveis desse campo de estudos, assim como os registros etnográficos e traduções de documentos antigos ou mesmo de trabalhos de intelectuais japoneses modernos.

Utilizando como orientação principal a revisão bibliográfica feita por Basil Hall Chamberlain em 1905 (ou mais propriamente, recomendações bibliográficas feitas aos seus leitores), conseguimos ter uma ideia geral do *estado da arte* da japonologia na virada do século XIX para o XX, justamente o cenário no qual Hearn selecionou suas leituras sobre o tema.

A Japonologia em Língua Inglesa

Não podemos nos esquecer de que houveram autores e obras de destaque de outros idiomas que não a língua inglesa, como por exemplo na língua alemã onde encontramos o notável naturalista Phillip Franz Von Siebold (1796-1866), além do geógrafo Johannes Justus Rein (1835-1918). Podemos citar ainda contribuições relevantes na língua portuguesa, pelo lusitano Wenceslau de Moraes (1854-1929) e o brasileiro Oliveira Lima (1867-1928), em língua espanhola podemos destacar o diplomata espanhol de ascendência francesa Enrique Dupuy de Lôme (1851-1904) e o escritor guatemalteco Enrique Gomez Carrillo (1873-1927), e em língua francesa temos Andre Bellessort (1866-1942) e Edmond de Goncourt (1822-1896).

Também devemos nos lembrar que houveram já no período autores japoneses que escreviam sobre o Japão, fossem romancistas (como Tokutomi Roka e Yone Noguchi) ou ensaístas (como Inazo Nitobe e Okakura Kakuzo), sendo traduzidos ou escrevendo diretamente em inglês visando apresentar a cultura nacional ao público estrangeiro. Vários desses textos eram publicados por editoras ocidentais, demonstrando que desde o início a japonologia foi um ramo orientalista que não negou voz aos nativos.

Por sua vez a japonologia em língua inglesa, assim como a de outras línguas, surgiu acompanhando a abertura e modernização do Japão, levada a frente por residentes anglófonos (principalmente professores e missionários) que logo chegaram ao país, sendo em sua maioria norte-americanos, mas também contando com um número não desprezível de britânicos.

A produção japonologista de língua inglesa teve destaque entre as outras devido ao seu volume, organização e contribuições específicas no campo da tradução e adaptação de fontes japonesas, colocando à disposição de pesquisadores, em uma língua ocidental acessível, vários documentos japoneses.

Primeiramente o número de produções nessa língua supera em muito o disponível em outros idiomas, tanto em obras populares de divulgação (principalmente tratados gerais) quanto em trabalhos genuinamente acadêmicos. O segundo ponto de destaque sobre esse campo de estudos é sua organização, centralizada na bem-sucedida *Asiatic Society of Japan*, uma organização fundada por iniciativa de pesquisadores ingleses, mas que reunia pesquisadores de várias nacionalidades (inclusive japoneses) e profissões, unidos pelo objetivo de melhor compreender o Japão (OTNESS, 1995, p. 239). Essa organização teve em seus quadros praticamente todos os japonólogos notáveis da língua inglesa, inclusive Lafcadio Hearn.

A *Asiatic Society of Japan* foi fundada em Yokohama em 1872, no Grand Hotel, e logo se dividiu em duas sedes, sendo uma na residência Nº 28 do Domínio Estrangeiro (*Foreign Settlement*) de Yokohama e a outra no campus da Universidade Keio em Tóquio (fixada permanentemente em 1911, após a sede da sociedade na cidade passar por vários lugares) (OTNESS, 1995, p. 240-241). Seu primeiro presidente foi o médico e missionário norte-americano James Curtis Hepburn (1815-1911). Essa organização era uma irmã informal de outras similares, espalhadas pela Ásia, coordenadas pela *Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*⁴ que tinham como objetivo a tradução de textos dos povos asiáticos, a publicação de pesquisas orientalistas (por meio de livros e periódicos) e o encorajamento do aprendizado de línguas orientais (OTNESS, 1995, p. 239; PARGITER, 1923, p. 60-61).

A sociedade tinha reuniões esporádicas nas quais palestras eram feitas, mas destacava-se principalmente pelo periódico que publicava, a revista *Transactions of Asiatic Society of Japan* (a partir daqui nos referiremos a essa revista apenas como *Transactions*), cujo primeiro volume veio a público em 1874, contendo sete artigos. Essa foi a primeira publicação em língua inglesa dedicada à japonologia, e em suas recomendações bibliográficas feitas em 1905 Chamberlain (p. 68) a descreve da seguinte forma:

Quase cada tópico de interesse ao estudante de assuntos japoneses é tratado nas páginas dessa *Transactions*, que tem, por mais de trinta anos, sido o veículo favorito para a publicação das pesquisas de Satow, Aston, Gubbins, Blakiston, Pryer, Geertz, Batchelor, Troup, Wigmore, Knox, Florenz, Greene, Lloyd, e outros iminentes eruditos e especialistas. Certamente a “*Asiatic Transactions*” não é uma leitura leve; seu apelo é para os estudantes sérios.

A revista foi também espaço da publicação de vários artigos de Chamberlain, mas, mesmo sendo um membro da sociedade, essa revista não foi, contudo, um veículo típico das publicações de Lafcadio Hearn, que preferia enviar seus textos para revistas dos Estados Unidos ou publicá-los em livros próprios, tanto que Hearn publicou um único artigo pela *Transactions*, sendo esse intitulado *Three Popular Ballads*, feito originalmente como uma palestra lida em um encontro da sociedade, no dia 17 de outubro de 1894, sendo o texto depois disponibilizado no volume XXII da revista, lançada naquele mesmo ano.

A Japonologia de Lafcadio Hearn

Entre os principais autores japonologistas de língua inglesa em atividade na época de Hearn os que merecem maior destaque tanto pelo volume quanto relevância de seus trabalhos são: Basil Hall Chamberlain (1850-1935), Edward S. Morse (1838-1925) Ernest Mason Satow (1843-1929), William George Aston (1841-1911), Algernon Bertram Freeman Mitford (1837-1916), William Elliot Griffis (1843-1928), Alice Mabel Bacon (1858-1918), Ernest Fenollosa (1853-1908) e Percival Lowell (1855-1916), mas nenhum deles alcançou tanta fama quanto Lafcadio Hearn.

Hearn teve publicados ao todo quatorze livros sobre o Japão, doze ainda em vida e dois póstumos.

Entre os livros de Hearn podemos citar quatro que compõem essencialmente seu trabalho japonologista: *Glimpses of Unfamiliar Japan* Volumes 1 e 2, *Out of the East: Reveries and Studies in New Japan*, *Kokoro: Hints and Echoes of Japanese Inner Life*, *Japan: An Attempt at Interpretation*. Além

desses textos Hearn ainda escreveu mais alguns artigos dentro do campo da japonologia.

A interpretação de Hearn sobre a cultura japonesa se desenvolveu principalmente ao longo desses textos, mas aqui daremos atenção aos livros *Glimpses of Unfamiliar Japan* e *Japan: An Attempt at Interpretation*, tendo o primeiro lançado as bases (as hipóteses iniciais) para o estudo que Hearn faz da cultura japonesa, e o seguinte (finalizado poucos meses antes do falecimento do autor) contendo suas conclusões sobre o tema.

Os campos de interesse predominantes na abordagem hearniana da cultura japonesa são a religião e o folclore, contudo seu livro *Japan: An Attempt at Interpretation*, destaca-se por uma abordagem antropológica evolucionista, tendo a religião e o parentesco como temas principais, sendo que em sua forma e conteúdo essa obra foi muito influenciada pelo livro *Cidade Antiga* de Fustel de Coulanges.

Assim como no mundo greco-romano analisado por Coulanges a sociedade japonesa na abordagem de Hearn tem suas leis e instituições políticas e sociais derivadas da religião, mais propriamente no culto aos ancestrais do clã (*uji* no Japão, *ghénos* na Grécia e *gens* em Roma) que posteriormente teria evoluído para formas diferentes tanto no Japão quanto na Antiguidade Clássica (HEARN, 1906; COULANGES, 2004).

Essa abordagem inspirada em Coulanges é algo que já se desenhava no primeiro trabalho japonologista de Hearn *Glimpses of Unfamiliar Japan*, quando o autor afirma que “as formas primitivas de adoração pública do *Shinto* [culto ao Imperador e aos deuses] devem ter evoluído de um culto familiar ainda mais antigo, ao modo do que o Sr. Fustel de Coulanges demonstrou em seu maravilhoso livro [*Cidade Antiga*]” (HEARN, 1894, p. 394).

Contudo a principal influência para a japonologia de Hearn foi o trabalho de outro autor orientalista, Percival Lowell, sobretudo seu livro *The Soul of the Far East*, obra com a qual Hearn manteve permanente diálogo ao longo de seus quatorze anos de pesquisa no Japão.

Em *The Soul of the Far East*, Lowell faz uma abordagem evolucionista da cultura do Extremo Oriente, usando como argumento base uma dicotomia entre a cultura oriental e ocidental, fundamentada no argumento de que no Ocidente a individualidade é uma virtude, enquanto no Oriente reina a impersonalidade.

Com base nesse argumento central, Lowell afirma que o caminho para a evolução civilizacional é traçado através da progressão da noção de si, algo dominante no Ocidente, e que por isso seria uma cultura mais avançada, e em *déficit* no Oriente, que por isso estaria civilizacionalmente atrasado.

Para Lowell os orientais não seriam inferiores, mas evolutivamente atrasados, com plenas condições de alcançarem o Ocidente, desde que investissem na promoção do individualismo, uma vez que a individualidade seria fundamental para o desenvolvimento mental e da imaginação (LOWELL, 1888, p. 213), que por sua vez seria o motor da inovação (LOWELL, 1888, p. 208) e logo do avanço civilizacional.

Apesar do livro de Lowell abordar a cultura do Extremo Oriente como um todo, o autor dá especial atenção à cultura japonesa, por considerá-la um exemplo extremo das tendências da região, justamente pelo Japão ficar ao leste da China e da Coreia, pois no argumento de Lowell (1888, p. 15) “a noção de si cresce mais intensamente a medida que seguimos na trilha do sol poente e cai firmemente quando avançamos em direção à aurora”. Em outras palavras quanto mais para o Ocidente está uma cultura, mais individualista ela é, e por sua vez quando mais para o Oriente está outra, menos individualista ela se mostra.

Para Lowell o Budismo teria protagonismo na formação da cultura impersonalista do leste da Ásia, pois enquanto o Cristianismo teria um efeito individualizante no Ocidente (LOWELL, 1888, p. 184), o Budismo teria como objetivo a aniquilação do ego, considerando a individualidade como ilusão e vaidade, tendo como objetivo alcançar o Nirvana, o seja, a unidade com o universo (LOWELL, 1888, p. 16, 187, 189).

O resultado dessa visão de mundo, que consideraria o individualismo como algo negativo, seria a razão pela qual os japoneses teriam aceitado a cultura material do Ocidente, mas rejeitado as suas crenças (LOWELL, 1888, p. 189). Dessa forma o Japão teria atingido a fase adulta mantendo a mente de sua infância (LOWELL, 1888, p. 12).

A forma pela qual o Japão teria chegado a essa situação segundo Lowell seria em função de duas características das sociedades do Extremo Oriente: o “Espírito de Imitação” e o elevado talento para as artes, mas pouca inclinação para as ciências.

De acordo com o autor o Espírito de Imitação seria o motor do progresso nas sociedades do Extremo Oriente⁵, assim o Japão teria se modernizado pela imitação do Ocidente (LOWELL, 1888, p. 10-11), como fez no passado com relação a Coréia e a China.

Contudo, por sua fraca individualidade as pessoas do Extremo Oriente teriam um *déficit* do tipo de imaginação necessária ao desenvolvimento científico e mesmo a arte que desenvolvem seria “observativa” e não “criativa” (LOWELL, 1888, p. 216).

Na opinião de Lowell (1888, p. 208) relacionamos “rapidamente a imaginação com a arte, mas não com a ciência, quando na verdade a arte demanda menos imaginação que a ciência”. Dessa forma uma era prática não é por isso menos imaginativa, sendo que para Lowell (1888, p. 211) o período mais imaginativo da história seria justamente a sua época, o século XIX.

Dentro dessa lógica por sua oriental falta de imaginação os japoneses poderiam imitar o Ocidente, mas não poderiam inovar, pois segundo Lowell (1888, p. 113) o pensamento científico simplesmente não entraria na cabeça dos orientais em seu presente estado evolutivo, para “todo o Extremo Oriente a ciência é uma estranha⁶” (LOWELL, 1888, p. 111).

A semelhança básica entre a obra de Hearn e o trabalho de Lowell é o papel central que ambos dão à religião na formação do caráter nacional do Japão.

Os livros *Glimpses of Unfamiliar Japan* e *Japan: An Attempt at Interpretation*, têm importância central na definição da abordagem de Hearn da religião como peça chave para a compreensão da cultura japonesa. O primeiro livro destaca-se por ser uma obra de direcionamento.

Nesse livro, fora a inspiração em Lowell já informada anteriormente, Hearn (1894, p. v) nos informa que também se inspirou no japonologista Mitford, tendo como objetivo; assim como *Tales of Old Japan*⁷; capturar um vislumbre da “vida invisível” dos japoneses ou seja a religião, superstições e modo de pensar.

Para cumprir esse objetivo Hearn (1894, p. vi), contudo, decidiu se afastar dos japoneses urbanos e educados; por demais similares a seus pares ocidentais parisienses e bostonianos, com seu “desprezo indevido” pelo sobrenatural e sua “apatia” pelas grandes religiões do Japão. Segundo o autor o verdadeiro charme do Japão não se encontra nos círculos europeizados, mas estaria sim no povo comum, que representa as “virtudes nacionais” e os “encantadores velhos costumes” que ele busca expor e analisar em seu livro (Hearn, 1894, p. vii).

Glimpses of Unfamiliar Japan é uma coletânea de ensaios que aborda majoritariamente as impressões iniciais de Hearn sobre o Japão, com textos que abordam desde a narrativa de seu primeiro dia no país, até visitas e reflexões sobre locais como santuários, rotas de peregrinação, jardins e locais tidos como assombrados, contendo também ensaios sobre contos folclóricos, ensaios sobre festivais tradicionais e sobre temas variados (como o cabelo feminino, as crenças japonesas acerca da alma, e o significado do sorriso na cultura japonesa).

Em todos os ambientes e temas abordados por Hearn nesse livro, a forma como a religião neles se inseria é o interesse central de Hearn, mas inicialmente (assim como Lowell) o autor acreditava que o Budismo era a religião com um papel central na formação da cultura japonesa, opinião que mudou progressivamente ao longo dos textos que compõe esse livro.

Em seus estudos de campo entre 1890 e 1894 Hearn percebeu a predominância do *Shinto* como religião do dia a dia dos japoneses⁸ e uma diminuição progressiva do papel do Budismo, percebendo as consequências do movimento de perseguição do Budismo⁹ ocorrido anos atrás, e o favorecimento do *Shinto* como religião de Estado.

Foi justamente essa mudança na visão de Hearn sobre a cultura japonesa (o *Shinto* ao invés do Budismo como religião central) que direcionou seu trabalho posterior, considerando que a lealdade, um dos componentes da “piedade filial”, seria o principal traço do *ethos* japonês, sendo que a piedade filial em si, no caso japonês teria, origem na religião *Shinto*, ou mais propriamente no culto aos ancestrais que é uma das características dessa religião.

Enquanto preparava o texto de *Japan: An Attempt at Interpretation* Hearn (1906, p. 504-505) em uma carta descreve suas intenções da seguinte forma: “Eu estou tratando do Japão religioso, — não do Japão artístico ou econômico, exceto como meio de ilustração. O “*Soul of the Far East*” de Lowell é o único livro desse tipo em inglês; mas tenho tomado uma visão totalmente diferente das causas e da evolução das coisas”.

Portanto para Hearn, em sua interpretação amadurecida no livro *Japan: An Attempt at Interpretation*, o Japão seria “O Reino dos Mortos” e “todo o sistema ético do Extremo Oriente [e não apenas do Japão] deriva da religião do lar [o culto aos ancestrais]”, ainda acrescentando que “desse culto evoluíram todas as ideias de dever para com os vivos, assim como para com os mortos, o sentimento de reverência, o sentimento de lealdade, o espírito de auto sacrifício e o espírito do patriotismo” (HEARN, 1906, p. 57).

Considerações Finais

Em seus estudos sobre a cultura japonesa Hearn deu ênfase à religião *Shinto* como o ponto de origem das virtudes cultivadas pelo Estado japonês naquele momento, admitindo que embora essas virtudes pudessem estar

sendo manipuladas pelo moderno Estado-nação, não seriam meras invenções, mas valores já presentes na cultura desde o período pré-moderno (HEARN, 1906, p. 413), ganhando, meramente um alcance mais amplo¹⁰.

As principais influências de Hearn para a formulação de suas conclusões foram Percival Lowell e Fustel de Coulanges. Vendo a história em uma perspectiva evolucionista, Hearn (1906, p. 67) acreditava que “a lei da evolução sociológica admite apenas exceções minoritárias”, e com base nisso acreditava que o mesmo processo de formação de valores, leis e instituições ocorrido nas sociedades estudadas por Coulanges em Cidade Antiga, também valia para o Japão. Por sua vez a abordagem de Lowell colocando a religião como causa das principais características da cultura japonesa também teve grande influência sobre Hearn, com a diferença que o autor interpretou o *Shinto* e não o Budismo como a religião mais influente na cultura japonesa.

Dessa forma podemos concluir que a japonologia de Hearn tinha a religiosidade dos japoneses como sua principal temática, e seu objetivo foi demonstrar como a religião *Shinto* determinou suas características mais marcantes.

Referências

- CHAMBERLAIN, Basil Hall. **Things Japanese: Notes on Various Subjects Connected With Japan.** Londres: Kelly & Walsh, 1905.
- COULANGES, Fustel. **A Cidade Antiga.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DURANT, Will. **Our Oriental Heritage.** Nova York: Simon and Schuster, 1954.
- ELIADE, Mircea ; COULIANO, Ian P. **Dicionário das Religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GORDON, Andrew. **A Modern History of Japan: From Tokugawa Times to The Present.** Oxford: Oxford University Press, 2003.
- HENSHALL, Kenneth. **História do Japão.** Lisboa: Edições 70, 2008.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: _____; RANGER, T (orgs). **A Invenção das Tradições**, p. 9-23. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

IRWIN, Robert. **For Lust of Knowing: The Orientalists and their Enemies**. Nova York: Penguin, 2007.

HEARN, Lafcadio. **Glimpses of Unfamiliar Japan**. Boston e Nova York: Houghton Mifflin Company, 1894. v. 1

_____. **Glimpses of Unfamiliar Japan**. Boston e Nova York: Houghton Mifflin Company, 1894. v. 2

_____. **Japan: An Attempt at Interpretation**. Nova York: Grosset & Dunlap, 1906.

_____. **To Mrs. Wetmore**: Tokyo, 1903. In: BISLAND, E. *Life and Letters of Lafcadio Hearn*, p. 504-505. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.

_____. **Kokoro**: Hints and Echoes of Japanese Inner Life. Londres: Gay and Hancock, 1910.

LOWELL, Percival. **The Soul of The Far East**. Boston e Nova York: Houghton, Mifflin and Company, 1888.

MACFARLANE, Alan. **Japan Through The Looking Glass**. Londres: Profile Books, 2008.

MACKENZIE, John M. **Orientalism: History, Theory and the Arts**. Manchester: Manchester University Press, 1996.

MARKLEY, Robert. “Those People Far Surpass us”: Gulliver, the Japanese, and the Dutch. In: RAJAN, Balachandra; SAUER, Elizabeth (orgs). **Imperialisms: Historical and Literary Investigations, 1500-1900**, p. 53-71. Nova York: Palgrave, 2004.

ORTIZ, Renato. **O Próximo e o Distante: Japão e Modernidade-Mundo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

OTNESS, Harold M. **A Short History of The Library of The Asiatic Society of Japan 1872-1942**. *Journal of The Siam Society*, Bangkok, VOL 83, 1995, p. 239-249.

PALLARES-BURKE, Maria. Lucia. Garcia. **Gilberto Freyre: Um Vitoriano dos Trópicos**. São Paulo: UNESP, 2005.

PARGITER, F. F. **The Royal Asiatic Society**. 1923. *Nature*, Londres, VOL 112, Nº 2802, 1923, p. 60-61.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Cia de Bolso, 2008.

Artigo recebido em 30 de outubro de 2016. Aprovado em 17 de janeiro de 2017.

Notas

¹ Ou “Xintoísmo”.

² Virtude confucionista que no caso japonês define a obrigação de reverência e obediência aos hierarquicamente superiores, como os pais, os chefes, o Imperador, etc. (ELIADE, COULIANO, 1999, p. 95-99).

³ O mais notório desses trabalhos é *Kwaidan: Stories and Studies of Strange Things* originalmente publicado em 1904.

⁴ A *Asiatic Society of Japan* não era formalmente ligada à organização central porque não operava em território colonial, tanto que o termo *Royal* não foi colocado no título da sociedade, para evitar ofender a família imperial japonesa (OTNESS, 1995, p. 240).

⁵ Essa característica existiria desde a antiguidade. Dessa forma em seus primórdios a China teria se civilizado através da imitação da Índia, a Coréia a partir da imitação da China e o Japão a partir da imitação da Coréia (LOWELL, 1888, p. 12).

⁶ Segundo Lowell (1888, p. 111) mesmo as invenções chinesas foram feitas como arte não como ciência, e por isso a China “queimou sua pólvora em fogos de artifício, não em armas de fogo.”

⁷ O principal livro de Mitford sobre o Japão.

⁸ Esse não foi o único ponto no qual Hearn passou a discordar de Lowell, tendo críticas também ao seu conceito de “impersonalidade”, de “espírito de imitação” e sobre a suposta incapacidade dos japoneses para as ciências.

⁹ Quando o *Shinto* foi transformado em “*Shinto* de Estado” em 1868, começou uma campanha radical para purificar a religião nativa do Japão, separando-a do Budismo, uma vez que ambas tinham há séculos uma relação de profundo sincretismo. Durante o período entre 1868 e 1871 muitos ataques governamentais e populares foram feitos contra o Budismo, resultando na destruição de muitos templos e relíquias (GORDON, 2003, p. 110-111)

¹⁰ Isso pode ser de fato um exemplo de “invenção de tradições”, segundo Eric Hobsbawm (2002, p. 9) um expediente comum dos Estados-nação nos séculos XIX e XX, utilizando práticas rituais

e simbólicas pretensamente tradicionais para inculcar valores e normas por meio da repetição, sempre buscando estabelecer alguma continuidade com o passado histórico.